

HISTÓRIA DE UMA PESQUISA: BUSCA, DESCOBERTA E CONSTRUÇÃO DE CAMINHOS

Francisca Ramos-Lopes¹

RESUMO: O artigo se propõe a descrever o surgimento da história de uma pesquisa. Por meio dele, pesquisadores iniciantes terão a oportunidade de observar conflitos, dificuldades e algumas das possíveis idas e vindas de uma pesquisadora na busca pela definição de um objeto de estudo, além dos embates vivenciados para se desvencilhar de uma trajetória anterior e enveredar por outros campos teóricos, outras perspectivas de análise diferentes das que se cristalizavam em seu processo identitário.

PALAVRAS-CHAVE: Pesquisa; construção; processo identitário.

ABSTRACT: The article aims at describing the immersion of a research history. This paper contributes to beginner researchers in a way they can have the opportunity to observe some conflicts, some difficulties as well as some possible attempts of a female researcher in trying to define an object of study, regardless some experienced struggles she had to face to set herself free from previous experiences and engage herself through other theoretical fields, and through other different analytical perspectives from those that were crystallized in her identity process.

KEYWORDS: Research; construction; identity process.

1. Palavras introdutórias

[...] se uma prática de pesquisa está implicada por nossa própria vida, uma outra só será possível caso o/ a pesquisador/a empenhe-se em fazer sua existência de outro modo, a mudar suas relações precedentes com o saber e o poder, a perder a verdade de sua própria formação identitária para que o si-mesmo/a seja refeito. Ou seja, a coisa toda da prática de pesquisa é da ordem da criação-ética e estética-, nunca da conversão, muito menos da aderência pegajosa a qualquer mestria. (CORAZZA, 2002)

Sendo eu uma pesquisadora com formação voltada para a área de ensinoaprendizagem, que, no exercício da profissão, sempre me preocupei com questões específicas relacionadas ao que ensinar e como fazer meu aluno aprender, iniciei a escrita de minha tese de doutorado – A construção discursiva de identidades étnico-raciais de docentes negros e negras: silenciamentos, batalhas travadas e histórias ressignificadas (RAMOS-LOPES, 2010) – refletindo sobre a importância social das mudanças econômicas, políticas, culturais, dentre outras, que se intersectam as práticas discursivas contemporâneas. Essa reflexão advém da dificuldade que senti para redimensionar minha prática profissional e

¹ Doutora em Estudos da Linguagem (UFRN); professora do Departamento de Letras – CAWSL –, Açu, RN; líder do PRADILE (UERN); e membro do NIEL (UFRPE).

desenredar-me das amarras que, por muito tempo, me conduziram a formas padronizadas de ler, escrever, compreender. Assim, inspirei-me na epígrafe inicial por acreditar que a base constituinte das formações intelectual e profissional de um pesquisador, por alguns momentos, atua no seu modo de agir, pensar e com ressonâncias também no seu escrever.

Acredito que minha própria trajetória como professora negra e as minhas inquietações em relação ao objeto de estudo — constituição discursiva identitária étnicoracial de professores/as negros e negras — se configuraram em pontes para suspeitar das concepções partilhadas, das ideias fechadas com as quais me acostumei e — duvidar dos sentidos cristalizados, dos significados que são transcendentais e que possuem sentido de verdade² (CORAZZA, 2002, p. 18).

Comecei a compreender o sentido como um fenômeno interativo que se constitui nas relações cotidianas atravessadas pelas situações históricas, culturais e sociais vivenciadas pelos sujeitos, coadunando para que minha prática de pesquisa estivesse implicada pelo ato da criação — ética e estética — o que produz o sentido de que a análise desta pesquisa será algo inacabado, passível de múltiplas interpretações advindas dos posicionamentos que atravessam as práticas discursivas dos sujeitos colaboradores, como também do olhar a ser lançado pela pesquisadora. Assim, considero que, ao fazer uma pesquisa, o essencial não será o sujeito se apoderar do saber, dos métodos, técnicas de pesquisa e neles acreditar de forma incontestável, mas analisá-los, redimensioná-los e aplicá-los como outros tantos — jogos de verdade², que são colocados como — técnicas de si² (FOUCAULT, 1994).

Sem se tratar de verdades absolutas, mas ciente de que toda história tem um marco de origem que nem sempre chega ao conhecimento dos leitores, optei, neste artigo, por descrever um momento exploratório de pesquisa em que, na qualidade de pesquisadora, busquei tanto a definição de um objeto de estudo quanto à adesão de sujeitos que, com base na proposta de investigação, se disponibilizassem a colaborar com a pesquisa em foco.

Os procedimentos introdutórios organizam-se em duas seções nas quais apresento, no primeiro item, o trajeto em busca de sujeitos para a pesquisa e, na sequência, descrevo as questões e os objetivos a serem perfilhados e justifico a relevância acadêmica e social da pesquisa.

2. Primeiros passos: a busca por um caminho

Para efetivação deste empreendimento científico, comecei a pensar em contextos onde encontraria os sujeitos que protagonizariam a pesquisa. Procurei identificar em eventos educacionais tais como reuniões pedagógicas, seminários, diálogos em sala de aula, dentre

² Foucault (1994) define-as como técnicas que permitem aos indivíduos efetuarem, sozinhos ou com a ajuda de outros, certo número de operações sobre seus corpos e suas almas, seus pensamentos, suas condutas, seus modos de ser; de transformarem-se a fim de atender certo estado de felicidade, de pureza, de sabedoria, de perfeição ou de imortalidade.

outros, pessoas fenotipicamente negras. Surpreendi-me, em alguns momentos, pois percebia nas conversas informais que, mesmo possuindo traços diacríticos³ negroides, alguns docentes se autoidentificavam negando seu pertencimento étnico-racial.

Cito o momento em que, em um evento acadêmico, um professor universitário, com cabelos crespos, pele escura e lábios grossos, ao dialogar comigo sobre problemas sociais, discriminação e alguns preconceitos vivenciados por negros, chegou a me dizer que conhecia poucos deles, mas se eu quisesse me levaria ao Estado do Ceará onde existia uma família de professoras em que todas eram da minha cor ou mais escuras do que eu. Diante desse e de outros fatos vivenciados, sentia-me cada vez mais distante de encontrar os sujeitos que seriam colaboradores da pretensa pesquisa. Comecei a ficar temerosa de me aproximar das pessoas apenas porque aparentavam traços físicos caracterizadores do povo negro. Meu primeiro pensamento era se ele/a se autoidentificava enquanto negro/a⁴.

Em fevereiro de 2007, ao participar de um Curso de Especialização na cidade de Pendências, RN, encontrei algumas docentes que apresentavam traços fenotipicamente negros. Para saber se elas se autoidentificavam de acordo com o seu pertencimento étnico-racial, apliquei um questionário sobre o processo de formação continuada vivenciado por elas e, na parte da identificação, inseri o item cor, conforme categorias⁵ usadas pelo IBGE.

No convívio em sala de aula, dialoguei com as especializandas que, durante a aplicação do questionário, se identificaram como pretas e pardas; expus meu interesse pela temática e questioneei a disponibilidade em se tornarem protagonistas da pesquisa. Percebi uma mistura de medo, dúvida, talvez vergonha de se exporem. Procurei estabelecer um diálogo sobre procedimentos éticos de pesquisa, esclarecendo-lhes que, além de ser preservada a identificação pessoal, haveria respeito aos fatos relatados em seus discursos e que elas teriam acesso ao material que fosse coletado. Assim, poderiam conferir a fidedignidade das informações e que recortes poderiam ser omitidos, se o desejassem. Essas informações soaram positivas, pois, em um grupo de dezesseis que se identificaram como pretas e pardas, treze aceitaram colaborar com a proposta ainda em fase preliminar. Posteriormente, como forma de respeito aos/às docentes, entreguei-lhes um TCLE (Termo de Consentimento Livre e Esclarecido), que foi assinado sem restrições.

A aceitação das docentes negras significou para mim a descoberta não apenas de sujeitos para o trabalho a ser desenvolvido, mas o compromisso, talvez, o envolvimento com um *outro* que, a partir de então, passaria a estar presente em meu cotidiano, quando não fisicamente, pela proximidade que me seria conferida por meio das vivências e posições de cada um. Um *outro* que não pode ser destituído de seus valores, sua crença, sua história; um

³ Traços físicos que indiciam a possibilidade de uma pertinência étnicorracial: cor da pele, tessitura do cabelo, formato dos lábios, dentre outros.

⁴ Compreendido, neste estudo, como aqueles sujeitos que discursivamente identificam-se como suscetível a práticas sociais discriminatórias e preconceituosas relacionadas a seu pertencimento étnicorracial de ascendência africana.

⁵ Branco, pardo, preto, amarelo.

outro que não pode ser transformado no que penso, e sim que precisa ser respeitado por seus valores, sua crença, sua cultura (SKLIAR, 2004).

A pesquisa ganhou outros colaboradores quando, em um seminário escolar, ministrado na cidade de Açu, RN, falei da temática referente ao meu trabalho e um professor negro revelou seu interesse em me relatar fatos que, segundo ele, marcaram sua trajetória de vida. Aos poucos, formei um grupo nas cidades de Açu e de Pendências, ambas localizadas no interior do Rio Grande do Norte, de treze professoras negras e dois professores negros.

Até que enfim... Surpreendi-me com o grupo encontrado: um *outro* que não é igual a mim, mas tem muito de mim – negros/as que conseguiram a mobilidade social por meio do exercício da docência.

3. Alguns caminhos: problematização, definição de propósitos e justificativa

Em minhas discussões, percebi que um objeto está sempre ladeado por diversos caminhos, por isso o pesquisador precisa fazer determinadas escolhas que não ocorrem aleatoriamente, pois, para composição de uma agenda investigativa, o pesquisador parte de pistas, suspeitas, inquietações, algo que o provoca, ao ponto de formular questões, procurando um sentido para elas.

Partindo do meu lugar social de fala – mulher negra, que outrora não despertara para pensar em sua própria identidade étnico-racial, professora universitária, pósgraduanda, inserida em um grupo de pesquisa que discute a linguagem como prática discursiva – atentei para o seguinte questionamento: Como professores/as negros/as se posicionam discursivamente na construção de identidades étnico-raciais nas diversas instâncias constituintes de sua vida? Com foco nessa indagação, compreendi que precisaria recorrer a posicionamentos discursivos que focalizassem tanto a vida profissional quanto a pessoal/familiar dos colaboradores da pesquisa, pois, compreendo que o processo de constituição identitária do sujeito abrange tanto a área pessoal/familiar quanto a social/profissional (NÓVOA, 2000).

O enfoque selecionado adquire efeitos de sentido na voz de Dubar (2005), ao proferir que a constituição das identidades dos indivíduos vai além do próprio contexto socioeconômico ou sociocultural em que ocorrem. Elas transpõem os momentos presenciais, das interações face a face, pois cada um é portador de uma história, que, imbricada no passado e no presente, e já se projetando no futuro, contribui para a constituição dos sujeitos.

As identidades são vistas como um processo contínuo em que o sujeito se depara com espaços conflituosos, com lutas, buscas, ausências, anseios, ou seja, processos de constituição, que repercutem na maneira do indivíduo ser e agir profissionalmente. Esse processo não se constitui isoladamente e sim por meio da presença do *outro*, ou seja, de outras vozes. Na dinâmica da vida social, as identidades são construídas e reconstruídas

durante o processo discursivo do indivíduo. Não é possível pensar em identidades sem considerar que elas fazem parte de um conjunto cultural, social, econômico, étnico, familiar etc. que discursivamente passa por transformações instantâneas.

Destaco que em cada situação social, política, econômica, cultural e pessoal vivenciada pelos/as docentes negros/as investigados/as há a produção de um novo sentido, o que mostra que a constituição da identidade do sujeito é multifacetada, está sempre se transformando. Nessa perspectiva, um dos sentidos construídos é que, se as identidades estão em constantes transformações, existem as identidades escolhidas pelo próprio sujeito, como também as que lhe rodeiam e, muitas vezes despercebidas, passam a fazer parte do mundo dos atores sociais de um processo.

Nas práticas discursivas cotidianas, os/as colaboradores/as, em detrimento de seus traços diacríticos, são identificados/as, em certas ocasiões, por —um preconceito de cor ou de marca racial [...], o que não implica uma exclusão ou segregação incondicional dos membros do grupo discriminado, e sim uma preterição quando em competição, em igualdade de outras condições, com indivíduo do grupo discriminador⁶ (NOGUEIRA, 1996, p. 243).

Envolvida por um emaranhado de dúvidas e constatações que produzem sentidos em diferentes instâncias sociais, raramente encontrar negros frequentando boas lojas, bons restaurantes, estudando em boas escolas ou trabalhando em instituições como bancos, correios, empresas privadas, dentre outros, surgiram as seguintes questões de pesquisa: (1) Como os/as docentes negros/as construíram novos focos de identidades ressignificando suas histórias de vidas? (2) Quais os focos de resistência traduzidos frente às possíveis práticas discriminatórias vivenciadas pelos/as investigados/as ao constituírem suas identidades étnico-raciais, em diferentes esferas da sociedade? e (3) Como as práticas discursivas institucionalizadas ou não produzem sentidos nas narrativas⁶ dos/as docentes negros/as em relação a sua constituição identitária étnico-racial?

Pautada na visão de identidade na contemporaneidade (BAUMAN, 2005; DUBAR, 2005; GIDDENS, 2002 e HALL, 2005) e nos questionamentos elaborados, defini como objetivo geral deste estudo analisar as práticas discursivas presentes nas narrativas dos/as professores/as negros/as, quando buscam sua inserção em diversas instâncias sociais, identificando focos de resistências que atravessam o processo constitutivo de suas identidades étnico-raciais.

Nessa perspectiva, elenquei como objetivos específicos: (1) Descrever momentos em que os/as docentes negros/as investigados ressignificam acontecimentos que atravessam suas práticas discursivas e constroem uma nova identidade para si; (2) Analisar focos de resistências traduzidos nos discursos dos/as docentes investigados frente às possíveis práticas discursivas que circulam a respeito da sua inserção nas múltiplas instâncias da sociedade; e (3) Problematizar práticas discursivas que perpassam o discurso do/a docente

⁶ As narrativas sendo consideradas a (re)construção de acontecimentos situados em um momento social, histórico e cultural da vida dos/as docentes negros/as colaboradores desta pesquisa. Essa (re)construção ocorreu via técnicas de pesquisa: narrativas escritas e entrevistas semiestruturadas orais.

negro/a e que traduzem efeitos de sentidos em relação ao seu crescimento profissional e a sua capacidade cognitiva.

Durante o percurso da pesquisa, comecei a perceber que, se o processo investigativo empreendido suscita uma problematização acerca da constituição de identidades étnico-raciais, ele só poderá produzir sentido ancorado em uma concepção de que nas práticas discursivas —todo enunciado é sempre um acontecimento que nem a língua, nem o sentido podem esgotar inteiramente (FOUCAULT, 1986/2005, p. 31). A esse respeito, o autor em destaque revela:

Por mais que o discurso seja aparentemente bem pouca coisa, as interdições que o atingem revelam logo, rapidamente, sua ligação com o desejo e o poder. Nisto não há nada de espantoso, visto que o discurso — a psicanálise mostrou-o —, não é simplesmente o que manifesta (ou oculta) o desejo; é, também, aquilo que é objeto do desejo; — e isso a história desde sempre o ensinou — o discurso não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas é aquilo por que, pelo que se luta, o poder do qual nos queremos apoderar (FOUCAULT, 1996, p. 10).

Para problematizar os posicionamentos dos/as professores/as negros/as, em relação a sua constituição identitária étnico-racial, no momento em que buscam sua inserção nas diversas instâncias sociais, elegi uma concepção de linguagem como prática social e que constitui efeitos de sentidos a partir de um contexto histórico-social ou, conforme discussão de Moita Lopes (2003, p. 19):

[...] a temática das identidades surge em meio a uma concepção de linguagem como discurso, ou seja, uma concepção que coloca como central o fato de que todo uso da linguagem envolve ação humana em um contexto interacional específico [...] é impossível pensar o discurso sem focalizar os sujeitos envolvidos em um contexto de produção: todo discurso provém de alguém que tem suas marcas identitárias específicas que o localizam na vida social e que o posicionam no discurso de um modo singular assim como seus interlocutores.

O sentido construído é o de que nas práticas discursivas cotidianas o sujeito faz uso da linguagem a partir de várias posições. No caso em foco, a identidade dos sujeitos não será pensada de forma unilateral, mas com base nos vários discursos que circulam no cotidiano social dos/as docentes, dentre eles, específico os que produzem efeitos de sentidos atinentes a sua trajetória profissional como também em diversos acontecimentos que se inscrevem em suas narrativas.

A opção em estudar a constituição identitária étnico-racial de professores/as afrodescendentes com ênfase nos espaços sociais conquistados se deu pelo fato de, nos primeiros relatos produzidos pelos sujeitos colaboradores da pesquisa, perceber um —jogo de sombra e silêncio (MOUTINHO, 2004, p. 270) Nos primeiros contatos, os sujeitos envolvidos nesta pesquisa ora diziam não perceber dificuldades sociais e pessoais em decorrência de sua raça/cor, ora demonstravam certo desconforto em se tratando de atitudes referentes às pessoas mais próximas, por exemplo, familiares ou colegas de trabalho; ora

calavam e caíam em um silêncio constrangedor ou, inesperadamente, mudavam o foco da discussão.

Também, em alguns momentos, mesmo a pesquisadora sugerindo uma ênfase na vida profissional, os participantes omitiam a resposta e se remetiam a fatos de sua vida familiar, com proeminência nas relações afetivas inter-raciais. Compreendo que, para eles/as seria delicado, talvez doloroso, revelar práticas discriminatórias vivenciadas em seu processo de ascensão profissional. A esse respeito, Dubar (2005), ao confrontar a saída do sistema escolar com a inserção no mundo do trabalho, revela que, dependendo do país, nível de escolaridade, sexo e origem social, os sujeitos sociais defrontam-se com a incerteza e uma alta taxa de desemprego, o que conduz ao risco de uma exclusão duradoura do emprego estável, como também a necessidade de —criação de estratégias pessoais e de apresentação de si, as quais podem ter grande peso no desenvolvimento da vida profissional (DUBAR, 2005, pp. 149-150).

Nessa compreensão, a discussão de Giddens (2002, p. 80) sobre trabalho e estilo de vida destaca:

[...] seria incorreto supor que o estilo de vida só diz respeito a atividades extra trabalho. [...] o trabalho não está de nenhuma maneira separado da arena das escolhas plurais, e a escolha de trabalho e do ambiente de trabalho constitui um elemento básico das orientações de estilo de vida na extremamente complexa divisão moderna de trabalho.

A pluralidade de escolhas que, muitas vezes, envolve a vida dos sujeitos está repleta de —hábitos e orientações que, ao se fazerem presentes nas práticas cotidianas, dão sentido de continuidade, pois nem sempre se dissociam entre si. É nessa perspectiva que me proponho a examinar os posicionamentos dos sujeitos desta pesquisa, partindo da compreensão de que, em cada situação social, política, econômica, cultural e pessoal, cultural e pessoal vivenciada pelos/as docentes negros/as há uma produção de novos sentidos, o que resulta em um processo de constituição identitária multifacetada, em constante mobilidade e transformação (HALL, 2005).

Percebi-me em uma arena de conflitos que me conduziu a questionamentos sobre a possível relevância, em âmbitos acadêmico e social, da pesquisa. Nessa busca de sentidos, serviram-me, como marco inicial, os muitos embates vivenciados especificamente pela minha condição de docente negra. O que me conduz a pensar que, no tocante a sua relevância, uma pesquisa pode oferecer uma reflexão a mais aos sujeitos que dele participaram, incluindo-se o pesquisador/a. Além disso, a proposta também procurou contribuir para pesquisas no campo da linguagem, sobretudo da Linguística Aplicada – LA, à medida que procurei, a partir da temática abordada, lançar alguns olhares na tentativa de produzir um conhecimento que colabore com a vida social (MOITA LOPES, 2006, p.94).

Esta pesquisa também tem sua relevância por abordar uma temática articulada a estudos de constituição de projetos identitários que vêm recebendo considerável destaque,

não só na Sociologia e na Antropologia como nas diversas áreas do conhecimento humano. No que concerne a LA, há uma acentuada preocupação em se discutir questões que ultrapassem os liames de sala de aula, adentrando por uma produção de conhecimento em que se abram alternativas sociais pautadas também nas vozes das —minorias—. Tal produção se insere em uma perspectiva de uma Linguística Aplicada que focaliza novos percursos de modo que o conhecimento se torna responsivo à vida social por meio da investigação de temas referentes a sujeitos excluídos (MOITA LOPES, 2006).

A relevância científica desta pesquisa perpassa pelo fato de que as discussões referentes à identidade e à etnia racial tem se alastrado em níveis nacional e internacional, mesmo assim, na área de inserção desta pesquisa, é possível perceber muitas lacunas a serem preenchidas. Moita Lopes (2006) argumenta que em LA alguns autores⁷ têm caminhado nessa direção, embora não seja maioria os que descrevem o sujeito social considerando teorias pós-modernas críticas que abordem temáticas feministas, antirracistas, dentre outras. O autor ainda destaca a necessidade da criação de uma nova agenda em LA que a apresente como híbrida, mestiça, transgressiva; uma LA que evidencie a relação entre teoria e prática; o surgimento de outros sujeitos para a LA: as Vozes do Sul; uma LA que tenha como principais pilares a ética e o poder.

Com foco na constituição discursiva de identidade étnico-racial de docentes negros/as, essa produção tende a ampliar o quadro de pesquisa na vertente contemporânea da LA crítica, híbrida, mestiça, indisciplinar e transgressiva, contribuindo para a reestruturação na forma de produção do conhecimento, sendo referendada pela temática da pluralidade cultural, proposta pelos PCN (1996) e a criação da Lei Federal antirracista, 10.639/2003, que considera obrigatória a inclusão dessa temática no currículo escolar, alterada pela lei 11.645/2008 que acresce a obrigatoriedade do estudo da história e cultura indígena, a partir da Educação Básica.

Credito também a importância da pesquisa no fato de que ela se ancora em teorizações que permeiam fortemente discussões presentes na contemporaneidade, sobremaneira as referentes à identidade racial com pesquisas realizadas em nível nacional e internacional. Contudo, em termos práticos, visualizo uma pesquisa que, além de fornecer embasamento teórico a ser incorporado ao currículo escolar, constitui-se em um subsídio a mais para possíveis estudos em cursos de formação de professores, colaborando com o processo de formação continuada dos docentes que lecionam nas escolas de Ensinos Infantil, Fundamental e Médio. Além disso, contribuirá para minha prática docente, no Ensino Superior, direcionando-me à produção e à aplicação de projetos de pesquisa e extensão, que envolvam os acadêmicos e a sociedade educacional com a temática em discussão.

⁷ Pennycook (2006); Nelson (2006); Cameron (1997); Heberle (2004); Osterman, (2003); Magalhães (2004) Makoni & Meinhoff (2006); Kumaradivelu (2006) e Moita Lopes (2002/ 2006).

4. Algumas (in)conclusões

Dialogar com a temática das identidades étnico-racial é de profícua significação, tendo em evidência que na vida contemporânea os sujeitos, aqui me refiro aos/as docentes negros/as que deram voz a esta pesquisa, se percebem afetados em relação a quem realmente são na vida profissional e pessoal (MOITA LOPES, 2003). Outro ponto relevante é que o processo de constituição da identidade dos sujeitos envolvidos se deu em uma época em que, mesmo após décadas da libertação oficial dos escravos, por causa do racismo ainda existente no Brasil, muitos direitos não têm sido respeitados: direito ao trabalho, à permanência na escola, à moradia digna etc., o que põe em xeque a democracia brasileira. Assim, ideologias, estereótipos e práticas discriminatórias continuam influenciando a realidade social dos brasileiros (CAVALLEIRO, 2001).

Compreendo que o sujeito negro, por se constituir nas diversas instâncias sociais, alvo de repertórios linguísticos que produzem sentidos negativos em relação as suas aptidões, procura construir novos espaços de verdade e, suscitado por práticas de resistência e de liberdade, busca encontrar na docência —um lugar cálido, aconchegante em que possa se destacar, ser diferente, e, por essa diferença, singular (BAUMAN, 2003, p. 20). Por consequência, construir-se e reconstruir-se em relação ao seu pertencimento étnico-racial. O que, na concepção de Bauman (2003, p. 128), é indicativo de que

Se vier a existir uma comunidade no mundo dos indivíduos, só poderá ser (e precisa sê-lo) uma comunidade tecida em conjunto a partir do compartilhamento e do cuidado mútuo; uma comunidade de interesse e responsabilidade em relação aos direitos iguais de sermos humanos e igual capacidade de agirmos em defesa desses direitos.

A escolha por uma comunidade de pertença se dá por meio de batalhas a serem travadas socialmente. De um lado está o grupo dos bem sucedidos e do outro os pobres péso-chão. Assim, nas práticas sociais que permeiam a contemporaneidade, percebe-se a desintegração das comunidades, excetuando-se as —minorias étnicas (em que o sentimento de pertença comum conserva-se entre seus integrantes. As pessoas são designadas como pertencentes a uma minoria étnica sem que lhes seja pedido consentimento, uma vez que esses grupos são determinados por quem está do lado —de fora, isto é, pelas —comunidades poderosas (em que as diferenças que fazem desses grupos —não derivam de seus atributos ou particularidades culturais, mas de um contexto social que forçou a imposição desses limites. (BAUMAN, 2003)

Assim, a tese por mim defendida foi a de que as identidades se constituem por meio de posições e práticas que, em dados momentos, se intersectam e em outros são antagônicos. Ou seja, —as identidades são pontos de apego temporário às posições de sujeito (HALL, 2000, p. 112) e estão relacionadas não ao que o sujeito é, mas o que ele se torna, elas se constituem de como eles são representados e como essa representação influencia na forma de se retratarem.

Acredito que as reflexões postas neste trabalho servem como uma orientação para aqueles que buscam delinear um projeto de pesquisa. Assim, com os que tiverem oportunidade de partilhar essa leitura comigo, digo-lhes que, ao começar essa produção, me senti, conforme Costa (2007), no meio de uma encruzilhada, mergulhando, cada vez mais, na pesquisa e a única certeza que tinha era a de que de fato não sabia aonde ela chegaria ou até mesmo aonde ela me conduziria. Contudo, fiz e sugiro — não cabe temer ou esperar, mas buscar novas armas. (DELEUZE, 1992, p. 220). Essas são pretensões importantes a quem quer enveredar pelo mundo da pesquisa.

5. Referências bibliográficas

BAUMAN, Zygmunt. **Identidade**: entrevista a Benedetto Vecchi/ Zygmunt Bauman. Tradução Carlos Alberto Medeiros. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed., 2005.

_____. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Trad. Plínio Dentzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editora, 2003.

CAVALLEIRO, Eliane dos Santos. Discriminação Racial e Pluralismo nas Escolas Públicas da Cidade de São Paulo. *In: Educação Anti-racista*: caminhos abertos pela Lei Federal nº. 10.639/03. Brasília: Ministério da Educação—Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização e Diversidade, 2005.

CORAZZA, Sandra Mara. Labirinto da Pesquisa, Diante dos Ferrolhos. *In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). Caminhos Investigativos*: novos olhares na pesquisa em educação. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

COSTA, Marisa Vorraber. Uma Agenda para Jovens Investigadores. *In: COSTA, Marisa Vorraber (Org.). Caminhos investigativos II*: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação. Rio de Janeiro: Lamparina editora, 2007.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. Tradução de Claudia Sant'Anna Martins. São Paulo: Brasiliense, 2005.

DUBAR, Clauder. **A Socialização**: construção das identidades sociais e profissionais. Trad. de Andréa Stahel M. da Silva. São Paulo: Martins Fontes, 2005.

FOUCAULT, Michel. An Interview: Sex, Power and the Politics of Identity; entrevista com B. Gallagher e A. Wilson, Toronto, junho de 1982; **The Advocate**, n. 400, 7 de agosto de 1984, pp. 26-30 e 58. (Esta entrevista estava destinada à Revista Canadense Body Politic. Tradução de Wanderson Flor do Nascimento).

_____. **Arqueologia do Saber**. Trad. de Luis Felipe Baeta Neves. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1986/2005.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e Identidade**. Trad. Plínio Dntzien. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, Ed., 2002.

HALL, Stuart. **A Identidade Cultural na Pós-modernidade**. Tradução Tomaz Tadeu da Silva. Ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

_____. **Da Diáspora: identidades e mediações culturais**. Liv Sovik (Org.). Tradução Adelaine La Guardia Resende [et al] Belo Horizonte: Editora UFMG, 2003.

MOITA LOPES, Luiz Paulo da. **Discursos e Identidades: discurso como espaço de construção de gênero, sexualidade, raça, idade e profissão na escola e na família**. Campinas, SP: Mercado de letras, 2003.

_____. **Por uma Linguística Aplicada Interdisciplinar**. São Paulo: Parábola, 2006.

MOUTINHO, Laura. **Razão, Cor e Desejo**. Uma análise comparativa sobre relacionamentos afetivo-sexuais no Brasil. São Paulo: UNESP, 2004.

NOGUEIRA, O. **Preconceito de Marca: as relações raciais em Itapetininga**. São Paulo: Edusp, 1998.

NÓVOA, Antônio (Org.). **Vidas de Professores**. Portugal: Porto Editora, 2000.

RAMOS-LOPES, Francisca. **A Construção Discursiva de Identidades Étnico-raciais: silenciamentos, batalhas travadas e histórias ressignificadas**. Tese de Doutorado, UFRN, PPGEL, Natal, RN, abril, 2010.

SKLIAR, Carlos. A Materialidade da Morte e o Eufemismo da Tolerância. Duas faces, dentre os milhões de faces, desse monstro (humano) chamado racismo. *In*: GALLO, Silvio & SOUZA, Regina Maria de. **Educação do Preconceito: ensaios sobre poder e resistência**. Campinas, SP: Alínea Editora, 2004.